

Os Guerreiros de Pedra do Sul da Gália **uma diferente leitura da helenização***

Erick Carvalho de Mello

Graduando em História
CEIA – UFF
carvalho.mello@gmail.com

Resumo

Este artigo pretende dissertar sobre como os diferentes autores tratam influência helenística dos celtas do sul da Gália. Pretendemos analisar, a priori, a estatuária celta de Entremont e Roquepertuse, bem como os textos clássicos, a antiga historiografia sobre o tema e os novos trabalhos e estudos arqueológicos sobre o assunto. Este trabalho objetiva mostrar que os antigos celtas não foram helenizados, mas “moldaram” a influência helenística em uma nova forma de expressão céltica.

Palavras-chave: Celtas, Helenização, estatuária.

Abstract

This paper aims to show that the ancient Celts were not Hellenized, but they shaped the Hellenistic influence into a new Celtic form of expression. In order to do so, this paper describes how different scholars treat the Hellenistic influence over the Celts from Southern Gaul. *A priori*, we will analyze the Celtic statuary of Entremont and Roquepertuse, as well as the classical texts, the old historiography, recent work and archeological studies on the topic.

Keywords: Celts, Hellenization, statuary.

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é analisar a estatuária celta do sul da Gália não unicamente por seu viés estilístico, evidenciando a leitura inicial das alegorias presentes em sua forma e representação, mas, também, de entender que esta estatuária é uma forma de expressão celta que questiona a hipótese de helenização destas populações.

Em verdade, defendemos que uma análise de tal estatuária – seu papel, formas, estilos e alegorias –, demonstra que os chamados “guerreiros de pedra” constituem fonte importante para o estudo das relações gregos-bárbaros no sul da França e para o questionamento das teses de helenização de tais populações.

DAS LEITURAS ACERCA DE UMA HELENIZAÇÃO CELTA

Nos estudos mais antigos sobre o tema, principalmente os que foram feitos no primeiro quartel do século XX, notamos de maneira clara que por mais que o estudo seja sobre algum aspecto relacionado de forma primária às populações celtas, o ponto de partida das análises reside nas sociedades mediterrâneas com que esses se relacionavam, o que ocasiona de maneira constante nestes trabalhos, a idéia de se propor a todo custo posicionar os estudos acerca dos Celtas, bem como os trabalhos arqueológicos que floresciam à época, a visão das únicas fontes com as quais se tinha em mãos, os relatos clássicos.

Neste sentido, a medida que estes autores perpetuavam a visão das fontes clássicas, assimilam entre outros fatores grande parte das idéias contemporâneas aos grupos dominantes que as escreveram como forma de efetivar-se e legitimar-se frente aos bárbaros. Allen (1912: 13 -14), por exemplo, considera que a transição do período de Hallstatt para o de La Tène se dá unicamente em virtude da interferência dos contatos gregos sobre estas populações de modo a transformá-las e que os antigos celtas do continente não apresentavam nenhuma idéia ou motivos próprios de expressão; a seu ver, eles simplesmente copiavam das populações vizinhas e o faziam de maneira tal que a própria cópia se tornava irreconhecível. Exemplificava ele suas considerações com descrições de autores clássicos como Políbio, por exemplo, quando este diz que “*Estes [os celtas] dormiam em camas feitas com folhas e se alimentavam com carne e eram exclusivamente ocupados com a guerra e a agricultura, suas vidas eram bem simples, e eles não possuíam nenhum conhecimento de qualquer ciência ou arte.*” (História; Livro II – 17).

Henri Hubert (2001: 619), algum tempo mais tarde, cita o próprio Romilly Allen e segue a idéia de que os Celtas eram altamente influenciados pelos povos mediterrâneos e que sua produção material era uma cópia de outros grupos, tal qual Alexander Bertrand ao reproduzir a mesma idéia acerca das moedas celtas em seus escritos de arqueologia celta e gaulesa (1876: 387). Os estudos de maneira geral seguiam a tendência de sempre colocar os Celtas como um produto da influência mediterrânea, talvez não só pelo estágio em que se encontravam os estudos da arqueologia proto-histórica na época de seus escritos, mas também pela crença irredutível no discurso propagado pelos autores clássicos como César, Estrabão e Políbio dentre outros.

No entanto, autores mais próximos trabalham com outras idéias, métodos e hipóteses. Suas considerações se mostram através de uma relação direta não apenas com

os novos dados arqueológicos dos quais estes dispõem, mas também no estudo destes de maneira a se repensar o uso das fontes clássicas, para desta forma responder pelo menos algumas das inúmeras lacunas presentes nos estudos de tais populações.

É o que vemos nos estudos recentes de Dominique Garcia (2004) dentre outros autores, que trabalha com novas considerações e descobertas acerca dos Celtas do sul da Gália. Ao contrário de Henri Hubert, que muitas vezes se apoiava diretamente nas fontes irlandesas tardias, por não ter maiores dados para comparar com as fontes clássicas, estes estudos têm a cultura material dos celtas como fator importante em suas análises, possibilitando a formulação de hipóteses a partir do cruzamento de dados textuais e materiais.

Para Cunliffe (1997: 16-18), este avanço dos achados arqueológicos cobre um período que vai de 1870 a 1970, onde as progressivas escavações e descobertas foram delineando a forma como estudamos hoje os celtas antigos. Neste sentido, é importante ponderarmos como se deu o desenvolvimento dos estudos célticos no início do século XX e sua diferença em relação às pesquisas mais recentes. Assim é que, para Cunliffe, acabou por ocorrer uma domesticação da imagem que se tinha dos celtas antigos, e a partir daí passou-se, gradativamente, a estudá-los de outra maneira, até chegarmos à forma como se apresentam as análises atuais, legando aos celtas o direito de ter sua própria identidade e formas de expressão que não podem ser reduzidas a meras influências mediterrâneas.

DA IMPORTÂNCIA MASSALIOTA NA ANÁLISE DOS CONTATOS

Arnaldo Momigliano (1991: 51-58), por exemplo, tem como ponto central da influência e helenização dos povos Celtas a Massália, que seria, tanto por proximidade geográfica quanto pela própria formação das estruturas econômicas e sociais, o ponto de maior foco da distribuição e troca cultural no período helenístico, englobando inúmeras rotas de influência entre colonos gregos e as tribos de origem celto-lígure.

A própria formação e assentamento da colônia fócida de Massália ao século VI a.C. mostra-se possível através do contato com as populações nativas. Esta relação inicial se faz presente, dentre outros, no relato de Trogo Pompeu (escrito por Justino; Livro XLIII, 3.) quando este narra da fundação de Massália e suas primeiras interações com a tribo dos Segobrigii, revelando uma relação inicial amistosa com a qual passou a se manter comércio e como nos coloca Tacla (2001: 33-36) relações diplomáticas nos moldes da antiguidade, que se caracterizavam, sobretudo, pela prática da hospitalidade.

Tais interações representam uma importante fonte de contatos que nos permitem traçar através de uma delicada análise das redes e rotas que se formam, uma maneira de entendermos o quão tênue se mostra o conceito de helenização, principalmente ao aplicá-lo aos grupos Celtas dessa região.

Tanto os autores clássicos quanto os vestígios arqueológicos, nos mostram o que podem ser tidas como “provas” desta suposta helenização das populações célticas. Estrabão nos diz que a colônia grega de Massalia em seu tempo servia como uma espécie de “*escola para os bárbaros e que ensinava os Galatae a se aproximarem tanto dos gregos a ponto de até mesmo escreverem seus contratos em grego*” (IV 1.5). Tais interações podem ser

confirmadas com os vestígios arqueológicos, mas devem ser analisadas com cautela para que não se entenda como uma aculturação destas populações pelos gregos.

Análises arqueológicas dos assentamentos célticos próximos a Massália e demais colônias gregas do sul da França, como Roquepertuse e o *oppidum* de Entremont, nos trazem comprovações mesmo que especulativas do tamanho dessa interação para com os ideais gregos. Levando-se em conta que, como coloca Rankin (1987: 46-47), esta influência exercida por Massália não era nem de longe unilateral, havendo sim trocas de ambos os lados nas relações entre celtas e Massália, não só pela rivalidade entre os assentamentos, mas também por haver na troca econômica, uma interação cultural. Através da qual se afigurou a importância do contato celta com os massaliotas ao se mostrar latente em sua organização e sobrevivência de traços notoriamente relacionados a costumes tradicionais das populações nativas que são verificados desde o final da Idade do Bronze.

DO QUESTIONAMENTO DA HELENIZAÇÃO ATRAVÉS DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS

Partimos do estudo referente à estatuária em pedra presente nos sítios localizados próximo a bacia do Ródano e que provavelmente manteriam contato com as colônias gregas do sul da Gália. Este estudo inicialmente trata dos sítios da região oriental do Languedoc e ocidental da Provença na atual França, onde através dos sítios de Roquepertuse e Entremont encontramos dois grupos diferentes em certas formas e alegorias da estatuária, mas que, como afirma Lescure (2001: 362-363) possuem um incontestável parentesco estilístico.

Pela análise de estudo de textos e principalmente de transcrições arqueológicas sobre os referidos sítios, levamos em consideração dentre seus achados três tipos de objetos definidos por Witt (1996) como: *importações, imitações e transformações*.

Temos como exemplo prático disto, o naturalismo da estatuária presente ao sul da Gália, bem como do próprio uso de pedra em tais imagens, que entre os inúmeros símbolos próprios dos celtas se afiguram de forma a representar esta influência estética do mediterrâneo em alguns dos grupamentos celtas, na medida em que estas representações passam a ser reproduzidas entre os mesmos, mas com a presença de formas, adornos e referências tipicamente celtas presentes em caráter geral. Assim sendo, a lógica das *transformações* coloca em foco a idéia de que a celtização dos elementos gregos é tão forte quanto a própria presença destes elementos entre os grupos celtas aqui estudados.

No tocante à estatuária celta do Sul da Gália encontrada em santuários como aqueles de Glanon, Roquepertuse e Entremont, temos por certo que representam a máxima utilização dos meios técnicos de expressão helenas combinada com traços e estilos fortemente celtas como nos diz Pierre Leveque (1987: 173-174). As figuras “sentadas” com suas pernas cruzadas e tronco ereto nos remetem à descrição de Diodoro Sículo (V, 28) e Ateneu (IV, 151) sobre a maneira Celta de banquete onde estes se sentavam sobre peles no chão em círculo na posição tal qual se encontram representada na estatuária.

Arcelin e Rapin (2002: 31-40), através do estudo da especificidade da estatuária do sul da Gália, demonstram ser possível identificar os inúmeros outros elementos

celtas presentes na estatuária guerreira. A estatuária feita em pedra representa formas guerreiras com adornos típicos alocadas em destaque nos santuários celtas. Como Dominique Garcia (2004: 111-119) nos afirma, a organização dos santuários se tornou cada vez mais influenciada pelas formas ítalo-gregas, porém os elementos celtas perduraram. Além da óbvia representação humana rara entre os celtas, podemos encontrar na estatuária, cotas de malha, espadas em estilo lateniano, torques, elmos, sapatos, e cabeças decepadas, além da própria posição “agachada” da estatuária que evidenciada em Ateneu (IV, 151) como costume celta, mostram a celtização das representações.

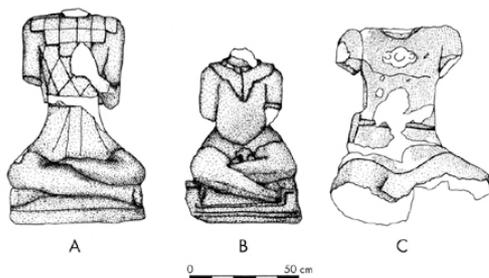
Os “guerreiros de pedra” então analisados poderiam como diz Dominique Garcia (2004: 119) representar uma espécie de gênese local, ligada à elite guerreira que necessitava possuir a maior parte dos elementos celtas em suas representações. As cabeças decepadas como afirma Cunliffe (1997: 209-210), eram de vital importância no culto presente na sociedade celta, pois significava possuir e reter o poder da pessoa morta, mostrando-se assim, em muitos casos, uma salvaguarda da pessoa em oferta aos deuses e, ademais, denotam, juntamente com os outros elementos já citados e presentes na estatuária, uma influência grega inicial, no entanto mergulhada em elementos celtas.

Tencionamos afirmar que se mostra claro dizer que não é uma questão dos celtas não conseguirem imitar perfeitamente a arte helenística, pois eles de fato eram capazes de tais reproduções, mas sim que eles se apropriavam dos temas helenísticos e transformavam estes segundo os seus próprios conceitos e visão de mundo, incorporando assim uma idéia que se faz interessante ressaltar de que a tida helenização dos celtas não era só uma via de mão dupla como também uma celtização de conceitos helenísticos que chegavam até eles.

DAS ESPECIFICIDADES DA ESTATUÁRIA DE ROQUEPERTUSE E ENTREMONT

A estatuária de Roquepertuse e Entremont apresenta, juntamente com outros sítios da região, certas semelhanças estilísticas que podem evidenciar, como nos afirma Dominique Garcia (2004: 111-119), um culto ao Herói, ou até mesmo à divindade guerreira da tribo.

A estatuária de Roquepertuse, por exemplo, apresenta em suas representações, guerreiros acorados com ombros largos e corpo fino, uma cota de malha com desenhos geométricos, um torque adornando o pescoço e braceletes além de vestes ricamente adornadas, o que evidenciaria segundo Duceppe-Lamarre (2002) este culto ao



Estátuas - A: Roquepertuse; B: Glanum; C: Entremont (Fonte: Duceppe-Lamarre 2002: 290, Fig 7).

Herói-guerreiro. A datação de Roquepertuse é mais tardia do que a de Entremont, sendo colocada como início do III a.C. Porém, como nos coloca Domenique Garcia, o reaproveitamento desta estatuária através dos séculos no santuário que também se modificou com o tempo adquirindo outros aspectos que não os iniciais (às vezes até

mesmo pelo contato ítalo-grego) nos faz correlacionar o uso e significado da

estatuária com fatores diversos. Tal constatação, juntamente com o estudo de vestígios encontrados neste sítio, faz com que Duceppe-Lamarre (2002) afirme que tal estatuária possa ter uma datação de um ou até dois séculos antes (V e/ou IV a.C.) e sendo mantida no santuário desde então.

A estatuária de Entremont, como nos descreve Arcelin e Rapin, possui peculiaridades em suas descrições dignas de nota.

Os achados dos sítios arqueológicos da região mostram, entre outros itens, uma estatuária também ligada a uma imagem cultural do guerreiro com uma série de alegorias em sua representação iconográfica que apontam para isso. Os autores evidenciam a presença de torques, braceletes, espadas, escudos e uma cota de malha com adornos que mostram justamente elementos celtas típicos do ofício do guerreiro, condizentes com os achados arqueológicos e com as fontes clássicas que os descrevem.

A datação desta estatuária e do santuário a ela associada é aproximadamente do final do II a.C. Porém estudos mais recentes, baseados nos armamentos e outros pequenos objetos do sítio, apontam que a estatuária de Entremont, assim como a de Roquepertuse, pode ter sido de período anterior ao do santuário em que estava alocada, remontando aos séculos IV e V a.C, como nos afirma Duceppe-Lamarre.

Estes achados mostram também inúmeras representações de cabeças cortadas que, como nos coloca Miranda Green (1997: 28-32), em conjunto com dos achados dos pórticos tanto de Entremont quanto de Roquepertuse (com cabeças decepadas penduradas e os relatos de fontes tardias e clássicas tal como Tito Lívio, Diodoro e Estrabão), podem evidenciar alguma idéia de culto a estas cabeças.

CONCLUSÃO

Os motivos artísticos celtas presentes nos achados arqueológicos são abundantes. Desta forma, nossa análise segue em proposições embasadas nos dados arqueológicos através da bibliografia atual sobre os mesmos, nos servindo como sustentação de um estudo mais aprofundado.

Propomos assim, ao correlacionar estas fontes e estudos, uma análise direta destes elementos celtas frente a uma possível helenização e, sobretudo, ressaltar a originalidade dos motivos celtas e de suas representações, que através de técnicas gregas e de motivos advindos desta mesma esfera acabam por realçar o caráter artístico celta, que faz uso de elementos nativos tradicionais (tais como as espirais, os torques, as cabeças cortadas, as figuras acoradas, dentre outros) desenvolvidos à base de uma apropriação da estética naturalista, do talhe em pedra e dos motivos gregos (representações vegetais, desenhos geométricos, entre outros).

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

ATHENAEUS. *The Deipnosophists*. London: Harvard University Press, Loeb Classical Library (Trad. C. B. Gulick), (L. IV), 1969.

CÉSAR. *Comentários sobre a Guerra Gálica*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

DIODORUS SICULUS. *Library of History*. London: Harvard University Press, Loeb Classical Library (Tran. C. H. Oldfather), Books IV, 59 – VII, 2000.

JUSTINUS. *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*. Acessado em: 16 abril 2007. Disponível em:

<http://www.forumromanum.org/literature/justin/english/trans43.html>

POLYBIUS. *History*. Acessado em: 16 abril 2007. Disponível em:

http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Polybius/2*.html

STRABO. *The Geography*. Acessado em: 16 abril 2007. Disponível em:

<http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Strabo/home.html>

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, J.R. *Celtic Art in Pagan and Christian Times*. Nova York: Dover Publications, 2001.

ARCELIN, P. & RAPIN, A. Images de l'aristocratie du second âge du Fer en Gaule méditerranéenne – À propos de la statuaire d'Entremont. In: GUICHARD, V., PERRIN, F. (dir.) *L'aristocratie celte à la fin de l'âge du Fer (II^es. av. J.-C. - I^{er} s. apr. J.-C.)*, Actes de la table ronde internationale du Centre archéologique européen du Mont Beuvray, 1999. Glux-en-Glenne: CAE, coll. Bibracte 5, 2002, pp. 29-66

BERTRAND, A. *Archéologie celtique et gauloise*. Paris: Didier, 1876. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2050150.chemindefer> Acessado em: 16 abril 2007.

CUNLIFFE, Barry, *The Ancient Celts*. New York: Oxford University Press, 1997.

DUVAL, Paul-Marie. *Les Celtes*. Paris: Gallimard, 1977.

DUCEPPE-LAMARRE, A. Unité ou pluralité de la sculpture celtique hallstattienne et laténienne en pierre en Europe continentale du VII^e au I^{er} s. av. J.-C. *Documents d'archéologie méridionale*, 25, 2002 [mis en ligne le 18 octobre 2006]. Disponível em: <http://dam.revues.org/document395.html> Acessado em: 16 abril 2007.

GARCIA, D. *La celtique méditerranéenne*. Paris: Editions Errance, 2004.

GOUDINEAU, C. *Regard sur la Gaule*. Paris: Editions Errance, 1998.

GREEN, M. *The Gods of the Celts*. Nova Jersey: Sutton Publishing, 1986.

HUBERT, H. *Les Celtes*. Paris: Editions Albin Michel, 2001.

LAING, L. and LAING, J. *Art of the Celts*. New York: Thames and Hudson, 1992.

LESCURE, B. La forteresse et le sanctuaire de Roquepertuse. In: *Les Celtes*. Milão: Palazzo Grassi, 2001.

LEVEQUE, P. *O Mundo Helenístico*. Lisboa: Edições 70, 1997.

MOMIGLIANO, A. *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

RANKIN, D. *Celts and the Classical World*. London: Routledge, 1996.

TACLA, A.B. *Diplomacia e Hospitalidade: Um estudo dos contatos entre Massália e as tribos de Vix e Hochdorf*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, Dissertação de Mestrado, 2001

WITT, C. *Barbarians on the Greek Periphery? Origins of Celtic Art*. University of Virginia, PhD Dissertation, 1996. Acessado em: 16 abril 2007. Disponível em: www.iath.virginia.edu/~umw8f/barbarians/first.html

NOTA

* O presente trabalho constitui parte de nosso trabalho de pesquisa de iniciação científica com vistas à realização de monografia de final de curso. É preciso destacar que as visões aqui apresentadas representam nossas primeiras observações sobre o tema.